OS AUTOS E O MUNDO

Gugu Keller

“Quod non est in actis non est in mundo.”

1ª Sessão

13 de julho de 2018

- Com licença.
- Sim. Pode entrar, por favor.
- Obrigado. Boa noite.
- Boa noite.
- Dra. Sara?
- Eu mesma. Pode se sentar nessa poltrona.
- Obrigado. Com licença.
- Pode ficar à vontade, por favor.
- Obrigado. Eu gostaria de agradecer à senhora por me atender neste horário. Principalmente numa sexta-feira.
- Ah... Não seja por isso. Na verdade na minha profissão é muito comum atendermos à noite.
- É mesmo?

- Sim. Porque a psicoterapia é algo que demanda algum tempo, entende? O paciente precisa vir semanalmente durante um tempo razoável, meses, anos às vezes... De modo que, para quem trabalha, fica às vezes difícil que seja no horário comercial. Porque uma coisa é você ir ao dentista ou ao médico, onde você resolve o problema que tem em uma, ou duas, ou três consultas. Na psicologia, não. É preciso mais tempo. De modo que nós, psicólogos, ao menos a maioria, costumamos atender à noite.
- Entendi. Eu nunca havia pensado nisso.
- Ah! Outra coisa... Pode me chamar de você.
- Ok. Obrigado. Você também, por favor. Pode me chamar de você.
- Ok. O seu nome então é João Ramiro?
- Sim. João Ramiro.
- E quem me indicou pra você foi a namorada do meu primo?
- Exatamente. Foi a Júlia, namorada do João Victor.
- Certo. Bom, João Ramiro... Deixe-me te dizer... Nesta nossa primeira sessão nós vamos fazer uma espécie de entrevista, tá?
- Sim.
- Você vai me falar um pouco sobre você, sobre a sua vida, e, principalmente, por que razão você tomou a decisão de buscar um atendimento psicológico. Tudo bem?
- Tudo bem.
- Você está com quantos anos, João Ramiro?
- 28.
- E qual é a sua profissão?
- Sou juiz de direito.
- Opa! Há quanto tempo?
- Tomei posse faz três meses.

- É mesmo? Parabéns! Dizem que é um concurso muito difícil de se passar...
- De fato.
- Você estudou por muito tempo?
- Praticamente cinco anos.
- Cinco anos?
- Sim. Eu me formei aos 23 e já comecei a estudar para concurso.
- Sempre soube que queria isso?
- Sim. E houve nisso muita influência do meu avô.
- Do seu avô?
- Sim.
- Ele também é juiz?
- Meu avô não apenas foi juiz, como chegou a desembargador.
- Desembargador? Desembargador é o ponto mais alto da carreira de juiz, não é isso?
- Exatamente. Quando o juiz deixa de atuar num fórum, onde as causas são julgadas em primeira instância, e passa a atuar no tribunal, onde são julgados os recursos, ele recebe o título de desembargador.
- Entendi. Ou seja, para ser desembargador, primeiro é preciso ter uma carreira de juiz por um bom tempo, é isso?
- Sim. Isso.
- E você disse que o seu avô foi desembargador. Você quis dizer que ele já se aposentou? Ou que ele já faleceu?
- Na verdade as duas coisas.
- Ah, sim.
- Ele já estava aposentado. E faleceu recentemente.
- É mesmo?
- Sim. Ironicamente ele faleceu logo depois que eu fui aprovado no concurso.

- Puxa vida... Que pena...
- Ironias do destino...
- E, diga-me, João Ramiro... A morte do seu avô tem alguma coisa a ver com a sua decisão de estar aqui?
- Sim. Tem.
- Entendo.
- Você me parece bastante intuitiva... Assustadoramente intuitiva!
- Digamos que eu já tenho uma certa experiência...
- Não à tôa, foi muito bem recomendada.
- Obrigada. Mas diga-me... Esse seu avô que foi desembargador era seu avô paterno ou materno?
- Paterno.
- Como era o nome dele?
- João Ramiro também. Eu sou João Ramiro Netto. João Ramiro Souza Gomes Netto.
- Certo. E o seu pai, filho dele, como se chama?
- Meu pai também já faleceu.
- É mesmo? Faleceu antes do seu avô?
- Muito antes. Meu pai faleceu quando eu tinha oito anos.
- Como ele faleceu?
- Meu pai se suicidou.
- ...
- ...
- Como?
- Com um tiro.
- Um tiro?
- Sim.
- ...
- ...
- Em que parte do corpo?

- Na cabeça.
- ...
- ...
- E que idade ele tinha?
- 40.
- ...
- ...
- E como ele se chamava?
- José Ramiro.
- ...
- ...
- Certo. E o seu pai também era juiz? Ou trabalhava na área do direito?
- Não. Meu pai era comerciante.
- Comerciante?
- Sim. Ele tinha uma concessionária de veículos na nossa cidade.
- Qual é a cidade?
- São João da Boa Vista.
- Hum-rum. É estado de São Paulo, não?
- Sim. Você não conhece?
- Já ouvi falar, mas não, não conheço. Nunca estive lá. Em que região do estado fica? Não é para os lados de Campinas, de Limeira...?
- Exatamente! Mas um pouco mais adiante. Fica bem perto da divisa com Minas. Perto de Poços de Caldas, sabe?
- Ah, sei. E você nasceu lá então?
- Sim.
- E onde se formou em direito?
- Me formei na PUC.
- Aqui em São Paulo então?

- Sim. Vim para cá fazer a faculdade.
- Certo. Então você... Se formou aos 23... Está com 28... Ficou cinco anos estudando... Passou no concurso... Assumiu o cargo há três meses...? É isso, não?
- Exatamente!
- E você ficou esses cinco anos só estudando mesmo? Não chegou a trabalhar?
- Então... Eu trabalhei um pouco como advogado, sabe?
- Sei...
- Mas fiz isso com vistas ao concurso, entende?
- Como uma forma de aprendizado?
- Não exatamente. Quer dizer, é claro que sempre se aprende muita coisa com essa prática... Mas a questão aí era outra...
- Qual?
- É que o concurso para a magistratura exige que o candidato tenha um determinado tempo de exercício da advocacia, sabe?
- Ah! Entendi.
- Então eu atuei como advogado em algumas causas no escritório de um amigo do meu avô para cumprir esse requisito.
- Certo. Bom... Dá para dizer então que o apoio do seu avô foi fundamental para o seu sucesso no concurso?
- Ah, sim! Sob todos os aspectos! Desde me influenciar para querer ser juiz até o apoio financeiro para eu estudar...!
- Certo! E ele até te ajudou a arrumar esse trabalho nesse escritório para você poder ter esse tempo de prática que o concurso exige...!
- É! Como desembargador, o meu avô adquiriu muito prestígio, sabe? Ele conhecia muita gente no meio jurídico. Juízes, promotores, advogados... Muitas dessas autoridades

inclusive estiveram no velório dele, mesmo tendo sido lá em São João...
- Do que ele faleceu?
- Coração.
- Morreu subitamente?
- Digamos que sim e não.
- Por quê?
- Ele infartou em fevereiro.
- Hum-rum...
- Aí ficou cerca de um mês no hospital.
- Ele estava com que idade?
- 79.
- Certo.
- Ficou cerca de um mês no hospital, e depois voltou para casa.
- Sua avó, mulher dele, ainda é viva?
- Sim.
- Como ela se chama?
- Dora.
- Certo.
- Aí ele ficou em casa por cerca de um mês e pouco... Obviamente com o médico acompanhando e tudo...
- Ham-ram...
- No mês de março saiu a minha aprovação no concurso.
- Puxa! Ele deve ter ficado muito feliz...!
- Ficou felicíssimo! Radiante!
- Eu imagino...
- Bem... A cerimônia de posse foi marcada para o dia 12 de abril.
- Aqui em São Paulo?

- Sim. Aqui em São Paulo. No Palácio da Justiça. Sede do Tribunal.
- E o seu avô chegou a vir?
- Não. Ele faleceu antes.
- Ah... Que pena...!
- Infelizmente foi assim.
- E ele então faleceu pouco antes dessa cerimônia de posse?
- 12 de abril foi uma quinta-feira. Ele faleceu no domingo, dia 8.
- Que coisa, João Ramiro...!
- Pois é... Mas há um fato muito relevante com relação a isso... Um fato devido ao qual eu estou aqui hoje.
- É mesmo? E que fato foi esse?
- Na noite do dia 7, véspera da morte do meu avô, ele e eu tivemos uma longa conversa...
- É mesmo? A respeito de quê?
- A respeito do meu pai.
- Do seu pai, que era então filho dele?
- Exatamente!
- Seu pai, José Ramiro?
- Exato!
- Que se suicidou aos 40 anos? Com um tiro na cabeça?
- Sim. Exato!
- Em que ano foi isso, João Ramiro?
- 1993. 15 de outubro de 1993.
- E você tinha que idade nessa altura?
- Três anos.
- Você tem alguma lembrança do seu pai?
- Muito vagas.
- Claro. Você tem irmãs?
- Duas.

- Mais velhas...? Mais novas...?
- Mais velhas.
- Você é o caçula?
- Sim, sou.
- Como elas se chamam?
- Rita e Roberta.
- E a sua mãe?
- Maria Clara.
- Suas irmãs são casadas?
- Sim, são.
- E você tem sobrinhos?
- Sim. A Rita tem um casal de filhos, e a Roberta, uma filha.
- Ok. Desculpe-me por tantas perguntas. É que, sendo esta a nossa primeira sessão, é para eu me situar...
- Tudo bem.
- E me diga... Essa conversa que você teve com o seu avô na véspera da morte dele teve a ver com essa morte?
- Sim. Muito provavelmente sim. Tudo está interligado, entende?
- De que modo?
- O assunto sobre o qual nós conversamos naquela noite era um assunto muito delicado, muito difícil para ele. E é o mesmo assunto em razão do qual eu estou aqui agora.
- Tá... Entendi... Vamos por partes então...
- Ok.
- Esse assunto que você conversou com o seu avô era um assunto delicado a ponto de ter mexido com a saúde dele, que estava frágil, e isso ter feito com que ele morresse no dia seguinte?
- Sim.
- E você então acredita que foi isso que aconteceu?

- Sim.
- E isso te fez sentir de alguma forma culpado, ou responsável pela morte dele?
- Não.
- Não?
- Não. Porque, na verdade, foi uma conversa em que foi ele quem me relatou algo, entende? A minha participação na conversa foi, digamos assim, passiva.
- Passiva?
- Sim. Em resumo, ele falou e eu ouvi.
- Certo. E foi então algo que ele te disse, que ele te contou, que você só então passou a saber?
- Isso! Exatamente!
- E por que isso teria deixado ele tão abalado, se era algo que ele já sabia?
- Porque era um assunto muito difícil para ele.
- Ham-ram...
- Eu até então não sabia disso, entende?
- Ah, tá! Você até então não sabia que o assunto era tão pesado?
- Não. Não sabia. Era uma coisa que ele tinha prometido me contar um dia, sabe? Mas eu não imaginava que fosse tão pesado...
- Hum... Era uma espécie de revelação?
- Sim. Exatamente! Uma revelação!
- Certo.
- Era uma coisa que eu sempre quis saber... E eu sabia que ele sabia...
- Você sempre quis saber? Sempre desde quando?
- Desde quando eu tinha uns oito, nove anos de idade.
- E aí você perguntou para o seu avô?

- Eu perguntei primeiro para a minha mãe.
- Hã...
- Mas ela disse que não sabia. O único que sabia aquilo era o meu avô.
- E era algo que tinha a ver como o seu pai? Com a morte do seu pai?
- Sim.
- E aí você perguntou para ele? Para o seu avô?
- Sim.
- E ele?
- Prometeu que um dia me contaria.
- E acabou te contando na véspera de morrer?
- Sim.
- Cinco dias antes de você tomar posse como juiz?
- Sim. Exatamente!
- E como foi para você ouvir o que ele te contou? Como foi quando ele te revelou aquilo que você tanto e há tanto tempo queria saber sobre a morte do seu pai?
- ...
- ...
- Eu cheguei a cogitar a hipótese de não tomar posse.
- De não tomar posse?!? De não tomar posse do cargo de juiz?!? Mesmo depois de tudo o que você lutou para passar no concurso?!?
- ...
- ...
- Exatamente! E mais, dra. Sara...
- Sim...?
- ...
- ...